

O hortelão <sup>1</sup>

Menalton Braff <sup>2</sup>

I

Aí vem a moça da creche caminhando por entre os canteiros, a criança pela mão. Ela não sabe de quantas asas se forma um anjo, mas consegue ser mais leve que o ar. A criança, quando se tornou meu neto, jamais imaginaria que viria a ser meu filho, minha última família. O Sol descamba por trás da moça da creche tirando reflexos vivos de seus cabelos angelicais. A criança dá pulos para que suas pernas não sejam molestadas pelas folhas rechonchudas de couve. Elas duas, a moça da creche e a criança, que meu filho e minha nora me deixaram como filho meu, estão vindo na minha direção, vêm descendo pelos caminhos estreitos que dividem os canteiros.

A nuvem alivia meus olhos cansados de sol. É uma nuvem gorda e lenta que me transmite uma sensação de tranquilidade, porque é silenciosa e densa, e não tem pressa de chegar a lugar algum. Ela sabe que sua vida é efêmera, que a qualquer momento, mesmo um momento inesperado, deverá cumprir seu destino inelutável desmanchando-se em chuva sobre as hortas. A criança parece diminuir de tamanho e suas pernas se adelgamam ao passar pelos canteiros de cenoura, sem necessidade de pulos para se livrar das folhas.

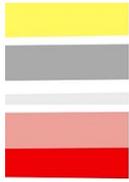
Ele, este meu filho-neto, me chegou desfrutando de boa saúde, uma criança de pele bem grudada no corpo, com bom apetite e sempre disposto a gastar a sobra de suas energias. Seus olhos costumam brilhar, quando acordado, mais que estrelas cadentes, como se tivesse um faro desenvolvido para abarcar o mundo inteiro. Ao pular por cima das folhas de couve, as folhas que invadem nosso caminho, ele erguia a cabeça, o queixo apontando para o céu, leve, leve, porque o esplendor do Sol descambando por trás da moça o mantinha suspenso e parado no ar. Meu filho, agora, minha toda família.

O sangue que circula em suas veias, de tão vermelho parece azul, e é isso que o torna imponderável. Principalmente quando ele abre as asas. Ao abrir o portão, lá em

---

<sup>1</sup> Conto inédito.

<sup>2</sup> Contista, romancista e novelista brasileiro; vencedor, dentre outras premiações, do Prêmio Jabuti (2000).



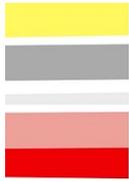
cima, a moça da creche apontou-me com o dedo e disse ao Moa qualquer coisa que não consegui ouvir, tampouco pude ler em seus lábios, o sol esplendendo por trás de sua cabeça. Quando me chegou, logo depois do enterro, era Moacir, mas não gostei do nome, que me dá ideia de sofrimento, então resolvi reduzi-lo para Moa, que não significa nada além de nomear a criança.

Os dois atingem agora a parte do outeiro onde ficam os canteiros de tomate, e o Moa desprende-se da mão que o segurava e põe-se a correr na minha direção. Ele não suporta o cheiro do tomate. E eu sei por quê. Na primeira semana morando comigo, encantado com a cor e a forma do tomate, era julho e os tomateiros estavam carregados de frutos maduros, aproveitou-se de uma distração minha e foi deitar debaixo de um deles. Não sei quanto tempo ali ficou nem quantos tomates comeu, mas estimo que foi longo o tempo e grande a quantidade devorada. Mais tarde, em casa, a criança desaguou quase tudo no vaso sanitário. Ficou pálido, suou muito, tive de fazê-lo sorver umas infusões que preparei. Ele me disse que basta o cheiro do tomate para sentir o estômago se contorcendo horrorizado. O Moa nunca antes estivera em uma horta, correndo livre por entre os canteiros.

Passa miando um bando de anus numa direção que só pode ser o pouso deles, alguma árvore que os acolhe e abriga durante a noite. As aves são previdentes, mas não por inteligência. É seu instinto que as obriga a procurar local seguro enquanto a noite não se fecha sobre elas, enquanto podem guiar-se com recursos próprios. A criança tem suas espertezas, não conseguiria, entretanto, sobreviver sem a mão de um adulto.

Um último punhado de terra foi jogado sobre os caixões, então olhei em volta e não descobri uma só pessoa que pudesse arrimar o menino. Estou velho, estou cansado, pensei, mas a força que me resta devo empregá-la na proteção deste pequeno ser. Não por ser neto meu, mas por sua condição de vida incompleta, um ser vivo em formação. Pequeno e frágil ser. Por isso o fiz meu filho.

A moça da creche atravessa com passo largo o córrego que nos separa e me vem com o sorriso aberto, o sorriso de todas as tardes. Com brilhos irisados debaixo de sol ou líquido e um pouco mais frio em tardes de chuva. Me deixo entrar para o fundo de sua fisionomia, que me parece repousante, mas tenho de voltar porque lá não cabem minhas ferramentas, minhas únicas lembranças de um tempo em que não era sozinho.



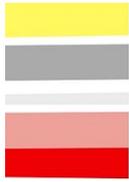
Ela me cumprimenta com doçura nos olhos cor de mel, dá um beijo na bochecha do Moa e retoma o caminho agora de frente para um sol ainda mais fraco, bem derradeiro.

Minha criança corre atrás de sua amiga, a moça da creche, até metade da ladeira e, na altura dos canteiros de alface, o menino para de costas para mim. Ele deve estar repartido em sua capacidade de afeto. É bem provável que a moça tenha vencido a barreira do afeto profissional, e com sentimento livre, que é o sentimento inútil, sem o imperativo da vida prática, tenha acabado por conquistar uma parte da criança para si. Por isso, eu o vejo subir transformado num pequeno arco-íris, mas navega o espaço em sentido vertical até virar um pequeno ponto amarelo a refletir o sol em seus últimos alentos, então explode como uma bolha incandescente e, ao mesmo tempo em que some no céu, reaparece de costas para mim na altura dos canteiros de alface. Sinto que não me abandonou, pois vira-se para meu lado e posso adivinhar-lhe no rosto o sorriso com que virá acolher-se junto a mim.

A moça da creche, antes de fechar o portão atrás de si, acena para nós com o braço erguido, a mão afagando a testa que nos resta do Sol. Então não há mais como evitar o surdir silencioso da noite. A criança aproveita um raio de sol retardatário e se debruça na mureta do poço, sua boca, e olha para o fundo, onde nada vê, fascinada com seus próprios gritos que do nada sobem, como uma mensagem vinda das sombras.

## II

Depois do banho, o cheiro do sabonete ainda na pele, sentamos para o jantar e meu neto me pede que fale com ele. Qualquer coisa, ele responde, os lábios abertos e ouvidos atentos, que não quer esquecer minha voz. Voz de velho. Eu falo sobre o que temos sobre a mesa e ele acompanha as palavras com olhos gulosos de saber os nomes. Há um ovo frito em cada prato, arroz e feijão e um pedaço de frango. São nomes que ele conhece antes de se aborrecer. Por isso, enumero legumes, suas cores e o menino vai repetindo as palavras: cenoura, beterraba, couve-flor. Ele, este menino, gosta mais é de palavras. Preciso insistir muito com ele para que coma alguma coisa. Então invento que ele coma as palavras, e, de cada uma que pronuncio, ele precisa morder aquela que lhe corresponda. Meu neto aceita a brincadeira e começamos um jogo em que dirijo sua refeição.



Mas não podemos ficar mastigando a noite toda, uma noite como todas as outras, isto é, sem muito sabor, por isso ele me pede que invente outro jogo, e sem muita imaginação para jogos, me ponho a falar. E digo muitas palavras, algumas que me estavam na memória sem que as tivesse jamais entregado ao vento. Minha cozinha é também sala de jantar. A luz fraca, o fogo morto e, à mesa, o rosto ainda brilhando deste filho que me deram, tudo isso parece um filme que ainda não vi. Para minha sorte, sempre cultivei legumes, verduras e palavras, tanto verdes quanto maduras.

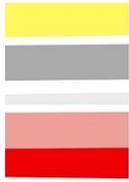
Então ponho-me a contar algumas passagens da minha vida. E falo do que me lembro, as lembranças mais antigas, e falo do que invento, porque recuperar o passado é um modo de refazer muita coisa da vida, corrigindo e melhorando o próprio desempenho. E falo e falo, falo pausadamente para o menino que precisa descobrir o mundo, mas que já está à beira do sono. Por vezes meu filho se agita, abre muito os olhos e me faz alguma pergunta. Ele não quer perder a corrente que vou arrastando.

Minhas hortaliças atendem todas por nomes que não inventei, e que fui aprendendo na proporção do meu crescimento. São nomes brilhantes, alguns, como o manjerição, o agrião; algumas têm nomes flácidos, e, neste caso estão a alface e a salsa. Nomes de peso também aparecem, como a batata e a beterraba. Conheço todas pelo nome e pelo cheiro e é na ciência das verduras e legumes que vou iniciar meu filho. Apesar de só me chamar de avô, ele não tem escolha. Seu pai agora sou eu.

A criança então me pede que fale sobre seu pai, e sinto que minhas mãos começam a me atrapalhar. Então ele acrescenta que o outro pai, o que foi embora e fugiu de sua memória. E mesmo nos meus olhos, ele observa com uma ruga séria na testa, mesmo nos meus olhos ele não existe mais.

Também eu, quando consulto a memória de meus olhos, consigo ver apenas a mancha de cores esmaecidas, e o que tenho para descrever é o modo como sorria, os gestos lentos e parcos, sua mania de piscar muito rápido passando a mão pelos cabelos sempre desalinhados. Minhas lembranças de seu pai, explico, são apenas do invisível, são palavras como bondade, paciência, o carinho com que tratava aquela mocinha com quem casou.

O Moa me ouve com olhar religioso e de viés, porque agora está com a cabeça apoiada no braço esquerdo apoiado em horizontal sobre o tampo da mesa. Talvez ele durma embalado por minha voz de velho, um pouco estragada pelos pigarros que não



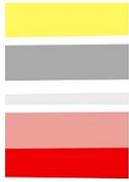
consigo expulsar. O sol, eu digo, a soalheira. A vida toda trabalhando debaixo de um chapéu que me empasta os cabelos de suor e que me expõe vez por outra à luz que, em lugar de iluminar, mais queima que outra coisa. Meu filho pede para que continue a história de meu filho, o pai dele.

De pijama curto, como convém nesta época do ano, o menino me encara com a mensagem bem clara de que não deseja ainda ir para a cama. Então me pergunta se no tempo de seu pai existia uma avó e se ela também trabalhava na horta. Confirmo, que sim, ela ajudava na horta quando não estava cuidando da casa. E aponto para a parede da cozinha, bem ao lado do fogão. Vendo ali? Um pano aberto como um crucifixo, exceto os braços, uns bordados no corpo, os pontos que a Marina preferia e suas cores, então em arco, por cima de tudo, bordadas também as palavras “Lar doce lar”, que era o nosso nos tempos em que nossa família era maior. O Moa quer explicação do dístico em arco e me atrapalho um pouco, pois me emociona pensar nos tempos em que a Marina cuidava da casa, cortinas nas janelas, tapetes no piso e nas paredes, as refeições em horários convenientes, e ainda me ajudava com meus legumes e minhas verduras. Por causa de estar atrapalhado é que o pigarro é um ponto de exclamação nesta pausa. Por fim, digo que um lar é doce quando se vive contente, sem vontade nenhuma de que haja diferenças.

O Moa insiste com suas perguntas e quer saber se nós somos contentes, assim como vivemos. E acrescenta que gostaria muito de que a moça da creche viesse morar conosco. Ergue um pouco a cabeça e com ar concentrado, os olhos com brilho muito sério, declara que aceitaria casar com ela. E lê, agora com olhos de sono e voz de criança, “Lar doce lar”.

### III

No sábado de manhã, abrimos todas as janelas na esperança de que o dia nos invada com sua brisa fresca num sábado de manhã, como é uma de nossas necessidades. Primeiro tive de trocar a roupa do Moa, que apareceu no meu quarto com o uniforme da creche. Não não não, eu resmunguei entre dois dedos de sono, dedos finos, palavras dedilhadas. Ele procurou demonstrar que se abateu, pois não tira mais do baú de seus



projetos o casamento com a moça que o traz pra casa todas as tardes, e cujo suor impregna sua mão pequena.

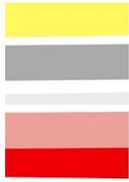
#### IV

Sábado já é quase o repouso, a véspera, para os outros, o geral das pessoas, no sábado, minhas hortalças exigem meus cuidados, vidas que dependem de mim. E ontem, no serviço aliviado, irriguei canteiros, cravei estacas, aprumei umas quantas plantas de pouco equilíbrio. O resto do tempo, estive atendendo donas de casa ou suas empregadas em algumas necessidades. Meu neto observava tudo de longe, cansava da observação, saía às carreiras pelos corredores estreitos entre os canteiros, seus carreiros, e voltava a nos observar. Nas corridas galopadas, soltava guinchos e gritos muito animais, que não sei onde ele pode ter aprendido. E como nos ríamos de suas traquinagens, sentia-se estimulado a continuar, ele fogoso, animal pequeno explodindo energia.

Agora me olha enquanto faço uma barba matutina. E branca. Uma barba domingueira. Os tocos de fios desaparecem na espuma e a criança me pergunta se terá cabelos brancos como os meus quando ficar do meu tamanho. Não consigo falar muito com as bochechas infladas suportando o correr da lâmina. Hum, hum é minha resposta de bocca chiusa, que faz vibrar em cócegas minhas narinas. Ele insiste na pergunta, pois ainda não sabe a diferença entre hum hum e kum kum, mas tem de esperar até que eu esteja com a face limpa e lisa, quando respondo com palavras para sua satisfação: sim, as pessoas do meu tamanho e com a minha idade costumam ter os cabelos diferentes marcando o tempo que já passaram pela vida. Meu neto se alegra e me pede para usar o aparelho de barba que acabo de lavar debaixo do jorro d'água da torneira.

Quando digo que vai levar ainda bastante tempo até que ele precise passar por este desconforto, ele me olha muito sério e pergunta se antes ele poderá casar com sua Julieta. Sinto vontade de rir, mas ele está muito sério, então me posiciono como avô, um avô/pai, não importa, com o dever de tomá-lo pela mão nas veredas mais difíceis de seu caminho.

Hoje é dia de maior folga, mesmo assim, saímos os dois para a horta na hora em que o sol começa a esquentar, pois precisamos dar de beber a estas plantas. Sendo ainda



cedo, recebemos como um presente a brisa que circula por cima dos canteiros antes de se retirar expulsa pelo sol.

E é bem assim: a criança corre no rastro do esguicho d'água até a cerca do vizinho. Ele desconhecia o sentido da vizinhança, pois a divisa é por demais de mais pra lá, além dos últimos canteiros, por isso fica encantado ao ver que uma cabeça embrulhada em panos sacode uma das mãos e joga grãos de milho para as galinhas. Novamente ele ri com muitos dentes, pois o contentamento não pretende boca fechada: a carranca.

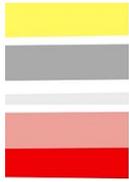
Uma gente do outro lado da cerca, as pessoas, tenho de explicar. Nós damos água e a mulher dá milho. Ele quer saber se galinha também precisa de água. Ah, sim, a toda planta e a todo animal a água é indispensável. Então ele sente sede e vem tomar água no bico da mangueira, molhando a roupa num divertimento.

Minha repreensão é inócua, pois o Moa continua molhando o rosto com o brilho dos respingos e, de olhos fechados, a boca escancarada, quase se desmancha em risos. Molha a roupa, seu macacão, e mergulha no prazer da brincadeira. Preciso terminar logo esta rega para tomar conta de meu neto molhado.

Ele volta à cerca e espia pelas frestas entre as ripas, mas agora só vê galinhas ciscando e cantarolando aquele anúncio prolongado, verdadeiro cacarejo, de que hoje teremos ovo. Com as mãos segurando duas varas verticais da cerca, ele encosta a testa na madeira coberta de musgo e limo, o coração aos saltos por causa daquela alegria das descobertas: as aves em sua vida doméstica. O Moa grita e me chama, querendo compartilhar. O sol tira fagulhas de seus cabelos molhados. Daqui a pouco vou lá fingir minha admiração, fazer par com ele.

V

Mas este menino está todo encharcado, vizinho, esta criança. A vizinha grita com pulmões, pois eu já ando por aqui, do outro lado da horta. Então devolvo os gritos chamando meu neto, que não desgruda a testa da cerca a encantar as galinhas com seu olhar deslumbrado. Tiro da cabeça o chapéu com a copa úmida por dentro e com ele no alto faço gestos largos, de meia lua, que o menino venha, este meu neto, o que é minha família. Insisto, com a voz e o braço, e brado severo no exercício da minha autoridade.



E como de nada adianta meu esforço, fecho a mangueira e vou ver por que reclama esta mulher com a cabeça embrulhada num pano.

A vizinha fala sem parar, sua voz exaltada contra mim e na minha direção, porque o menino, ela diz, esta criança, seu rosto, então não se vê? molhada como está, talvez até com febre.

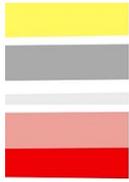
Um cumprimento de perto a que ela responde com os dois sulcos na testa acima de olhos furiosos. Então não vê? Tudo isso porque passei de idades, meu tempo se foi. Ralho com meu neto e digo que vá trocar já já de roupa e botar uns sapatos, e consulto com mão áspera sua testa e suas faces, rosadas, sim, mas febre nenhuma. Vá logo, Moa.

A criança abandona as galinhas e sai correndo por entre os canteiros, seus carreiros, dando pulos, cabriolando, pois carregava agora consigo mais um conhecimento, que eram algumas galinhas ciscando e outras num cacarejo muito musical.

O grito e o tombo me chegam juntos, pelo ar que se agita e que ultrapassa os galhos mais altos das árvores. Corro pisando por cima dos canteiros, em linha reta, até encontrar meu neto caído com o sangue esguichando de seu pé preso por um dente poderoso do ancinho. Mas quem foi que deixou este trambolho aqui, de boca aberta para o céu? A vizinha, que trepada na cerca adivinha tudo, corre dizendo que vai chamar um táxi.

Nenhum de nós dois troca de roupa e como estamos somos largados à porta do saguão do hospital. A maca nos leva, a mim, meu neto e o ancinho, para a sala de pronto socorro. Os cheiros misturados me nauseiam e ameaço voltar à rua para respirar um pouco, um ar sem esta contaminação, mas o Moa grita ainda mais alto. A injeção que a enfermeira lhe aplicou demora a fazer efeito. Por fim, apenas soluça, o rosto inchado e úmido das lágrimas, tantas, e adormece.

O dente do ancinho, depois de algumas manobras de bisturi, é ejetado e sai sanguinolento, ameaçador. Limpeza, pontos, curativo, a tudo assisto com o estômago revoltado contra os diversos cheiros que se misturam, neste ar hospitalar. E cada vez que mexem no pé do Moa, meu pé se encolhe de dor.



VI

Hoje de manhã, a moça da creche passou por aqui para pegar o menino, e a levei até o quarto, onde ele permanecia na cama, o pé todo enfaixado: ele não podia andar. Os dois confabularam aos cochichos enquanto os observava da porta. Por fim, ela saiu sozinha para cumprir sua jornada.

À tarde, na saída do serviço, ela foi me encontrar preparando umas encomendas de verduras e legumes, ali embaixo. Então subimos para casa sem conversar durante o caminho porque meu coração estava batendo muito devagar, talvez por causa do frio que eu sentia no peito.

A moça da creche escanchou meu neto em sua ilharga, bem seguro com seu braço esquerdo e com a mão direita ela segurou a alça da mala com que o menino veio parar na minha casa. Na porta ela se voltou, me encarando muito séria, mas amorosa, e me disse: Agora ele é meu.

Saí para o quintal atrás dos dois e, sentado neste cepo, os vi na subida contra o sol, que brilhava ainda um pouco, mas sem alegria nenhuma.

Agora já está escuro, não tenho, contudo, coragem nenhuma para enfrentar esta casa vazia.